

Economistas fracassaram nas previsões para 99

Kathia Tamanaha/AE

Uma das maiores distorções foi a de variação negativa do PIB, que, de fato, teve elevação

TATIANA BAUTZER

No ano de 1999 houve pelo menos uma unanimidade: o total fracasso das previsões para a economia brasileira. Nenhum dos relatórios divulgados após a desvalorização do real acertou o desempenho das principais variáveis econômicas: taxa de câmbio, inflação, balança comercial e comportamento do Produto Interno Bruto (PIB). Os cenários catastróficos foram os que erraram mais.

Alguns analistas fizeram previsões com números menos distantes da realidade, mas os erros de previsão foram generalizados. Tomemos alguns exemplos: alguns bancos chegaram a apostar em taxas de inflação superiores a 35% no ano. O IGP-M deverá fechar 1999 com alta inferior a 20%, e o IPC da Fipe, com alta em torno de 8,5%.

O esperado superávit da balança comercial não veio. Esperava-se no início do ano saldo positivo entre US\$ 4 bilhões e US\$ 8 bilhões, segundo relatórios do setor privado. A previsão do governo era de US\$ 11 bilhões. Já se sabe que o resultado da balança será negativo em mais de US\$ 1 bilhão – espera-se um déficit de algo como US\$ 1,3 bilhão.

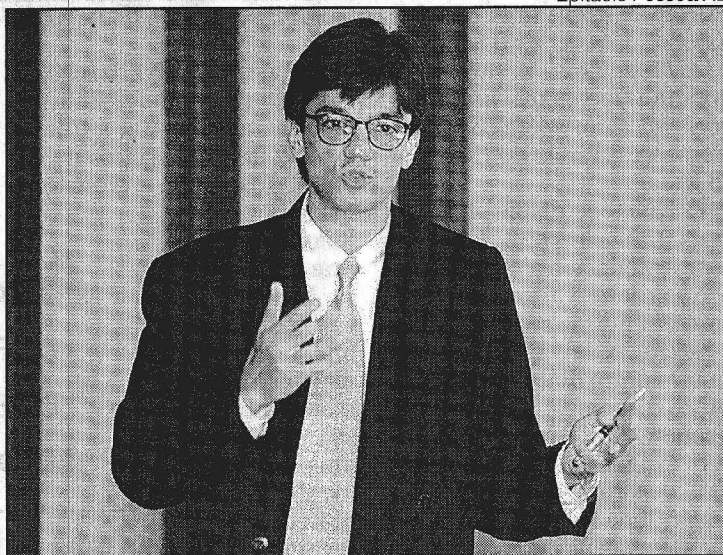
Os erros mais gritantes de previsão ocorreram em relação à variação percentual do Produto Interno Bruto (PIB). Logo após a desvalorização cambial, os economistas estimaram forte recessão. O Citibank, por exemplo, chegou a prever queda do PIB de 6% no pior dos cenários. Outros bancos estrangeiros e nacionais esperavam que houvesse recuo entre 3,5% e 4,5%. O resultado real ficou muito longe – o PIB deve terminar o ano com elevação de alguns décimos de ponto percentual (crescimento de até 0,5%). Os erros nas previsões do PIB e da balança comercial estão interligados: os economistas esperavam uma recessão que derrubasse as importações, o que acabou não ocorrendo.

Imprevistos – Os economistas justificam hoje a distorção nas previsões apontando algumas falhas de análise e afirmando que, em boa parte, o desempenho da economia em



Schneider, do ING: economistas superestimaram impacto da crise

Epitácio Pessoa/AE



Odair Abate, do Lloyds: antecipação da recessão provocou erros

ESPERADO SUPERÁVIT COMERCIAL NÃO VEIO

1999 teve componentes imprevisíveis.

O economista Odair Abate, do Lloyds Bank, acredita que uma parte do erro de previsão em relação ao PIB foi provocada pela antecipação da recessão no final de 1998, por conta da elevação dos juros após a crise da Rússia. A economia já estava andando em ritmo lento antes da desvalorização.

Abate lembra ainda que a queda do PIB foi menor do que a prevista porque os economistas deram pouca importância ao fato de existir um patamar mínimo de investimentos na economia, especialmente na área de telecomunicações. Apesar da queda da atividade econômica, as empresas do setor foram obrigadas a continuar o investimento para cumprir metas mínimas de universalização fixadas pelo processo de privatização. O próprio Abate tinha previsto uma queda de 4% do PIB no ano. Nas economias asiáticas, o efeito da queda da demanda foi mais dramático sobre os investimentos.

“Outro problema é que ninguém sabia como a economia brasileira iria reagir à desvalorização”, diz Abate. A maior parte dos economistas tomou como exemplo a reação à desvalorização das economias asiáticas como Tailândia, Coreia ou Indonésia, ou o impacto macroeconômico da crise cambial mexicana. “Acontece que na Ásia a economia era muito alavancada e o excesso de empréstimos quebrou as empresas, potencializando os efeitos da recessão”, diz Abate.

O consultor da Tendências, Mailson da Nóbrega, acredita que os erros ocorreram porque os economistas aplicaram parâmetros de reação à desvalorização em outros países ao Brasil. “Na Coreia, que era o cenário mais favorável, o prazo entre a desvalorização, o pico da alta do dólar e o início da estabilidade, foi de seis meses; no Brasil foi de apenas dois meses”, afirma Mailson, que previa queda do PIB de até 6% no pior cenário. A queda mínima do PIB estimada pela Tendências no início do ano era de 3%.

Mauro Schneider, economista do banco ING Barings, acredita que alguns especialistas superestimaram o impac-

AS PREVISÕES E A REALIDADE

Economistas erraram feio em 1999

PIB

Citibank: queda de 4,5% a 6%

Santander: queda de 1,8% a 3,2%

Morgan Stanley: queda de 4%

BBV: queda de 3%

Deutsche Bank: queda de 4,5%

Lloyds Bank: queda de 2,5% a 4%

Tendências: queda de 3% a 6%

ING Barings: queda de 3,5% a 4%

A realidade: desempenho ligeiramente positivo (até 0,5%)

INFLAÇÃO

Salomon Smith Barney: 35%

Merrill Lynch: 33%

Morgan Stanley: 21%

BBV: 15% a 17%

Lloyds Bank: 15% a 16%

Santander: 14%

A realidade: IPC da Fipe de cerca de 8,5% e IGPM de 20,10%

BALANÇA COMERCIAL

BBV: superávit de US\$ 6,3 bilhões

Citibank: superávit de US\$ 5 bilhões

Tendências: superávit de US\$ 5 bilhões

ING Barings: superávit de US\$ 8 bilhões

Bozano, Simonsen: superávit de US\$ 3,5 bilhões

A realidade: balança fechará com déficit de cerca de US\$ 1,3 bilhão

Fonte: instituições financeiras, reportagens publicadas entre janeiro e fevereiro

Fonte: instituições financeiras, reportagens publicadas entre janeiro e fevereiro

to da retração industrial no comportamento global do PIB e não consideraram que a metodologia de cálculo do PIB elaborada pelo IBGE tem grande participação no setor de serviços. Para o economista-chefe do banco Bilbao Vizcaya, Octávio de Barros, o comportamento da economia mostrou que é mais difícil do que se imaginava criar uma recessão no Brasil, por causa do dinamismo da economia e do setor de serviços.

Inflação – No caso da inflação, os erros também foram muito grandes. Alguns bancos chegaram a prever alta superior a 40%.

“A depressão dos preços internacionais de commodities foi ruim para a balança comercial, mas ajudou a segurar a inflação”, diz Mailson da Nóbrega. Também não se esperava uma reação tão adaptada à estabilidade por parte dos consumidores brasileiros, que rejeitaram tentativas de repasse da desvalorização cambial para os preços. No momento da desvalorização, a economia esta-

sileira. Para o analista Gustavo Cañonero, do Deutsche em Buenos Aires, Argentina, responsável pela análise do Brasil na época da desvalorização cambial, “qualquer coisa poderia ter acontecido com o Brasil depois da desvalorização”. O analista lembra que era grande a preocupação com o desempenho fiscal do governo, muito ruim. E ressalta que praticamente todos os economistas erraram, não apenas os estrangeiros que analisavam a situação brasileira.

O Deutsche Bank mudou a estrutura de análise do Brasil há pouco mais de dois meses, contratando o economista José Carlos de Faria, que trabalhava no banco ING Barings em São Paulo. Mas Cañonero nega que a mudança tenha

ocorrido por conta dos erros nas previsões: “Fui eleito um dos três melhores analistas do Brasil pela revista *Latin Finance*”.

A constatação dos erros generalizados, entretanto, não desanima os analistas, que continuam traçando os cenários para o ano que vem. “Nin-

FIASCO DO BUG

Sucesso nos testes garante abertura de bancos amanhã

Apesar da grande procura por extratos e saques, sistemas não apresentaram problemas

O bug não causou problemas à rede bancária, que vai funcionar normalmente a partir de amanhã. Por determinação do Banco Central, as instituições financeiras realizaram no fim de semana simulações de abertura de agências para checar se os sistemas estavam em ordem.

A Nossa Caixa Nosso Banco informou que realizou um teste operacional ontem, a propósito do seu programa de contingenciamento para prevenção do bug do milênio. O resultado foi positivo, sem nenhum problema operacional.

O Bradesco também concluiu ontem seus testes de simulação de abertura de agências sem registrar problemas. O Itaú testou seus principais sistemas, que são centralizados e valem para toda a rede, sem ocorrências.

O Unibanco, ao simular a abertura de oito agências em todo o País, concluiu que seu sistema estava todo em ordem.

Entre a meia-noite e o meio-dia de ontem, a Visa do Brasil processou, sem nenhum problema relativo ao bug, mais de 170 mil transações com cartões, das quais 90 mil foram realizadas no País. Cerca de 80 mil operações foram feitas com cartões brasileiros no exterior.

Embratel registrou 34 milhões de chamadas dia 31

A população fez cerca de 12 milhões de chamadas telefônicas nas quatro horas que antecederam a virada do ano, segundo os registros da Embratel. Ao todo foram 34 milhões ligações no último dia do ano. Nem todas foram completadas por causa do acúmulo de solicitações.

Na primeira hora do dia, a Embratel registrou 2,97 milhões de chamadas sendo que no mesmo período do último sábado de 1999 foram apenas 184 mil ligações.

A Embratel manteve suas equipes de plantão durante a madrugada, mas não houve dificuldades adicionais.

Também a Telefônica informou que não enfrentou problemas na virada do ano. O índice